



casadesarmiento

centro de estudos do património

A civilização da pedra polida no Minho

Francisco Martins Sarmiento

Revista Científica, Sociedade Ateneu do Porto, 1885, n.º 3, pág. 77

No seu livro *Le Préhistorique*, M. Gabriel de Mortillet desenvolve a doutrina, geralmente seguida pelos arqueólogos, sobre a sucessão das antigas civilizações da Europa até a época do bronze.

A primeira, que pode chamar-se a dos autóctones europeus, nem sequer conhece ainda a pedra polida e por este e outros factos tem a fortuna de não poder confundir-se com as civilizações que lhe sucedem.

Vem depois a da pedra polida. Esta pertence a uma migração asiática e caracteriza-se principalmente pela agricultura, que importou consigo e pela religiosidade, demonstrada pelo culto dos mortos, e este pelos monumentos sepulcrais, nomeadamente os dólmenes¹.

O metal, o bronze, só aparece com uma terceira civilização, trazida por uma outra migração, vinda igualmente da Ásia e que, conforme é de supor, possui uma cultura mais adiantada, usos e costumes novos.

Nós dissemos que a primeira destas civilizações tinha a fortuna de não confundir-se com as subsequentes, porque, quanto às duas últimas, já assim não acontece: M. A. Bertrand, por exemplo, no seu último livro *La Gaule avant les Gaulois*, insiste na opinião que há muito defende, considerando a civilização do bronze, não como um facto etnológico novo para a Europa, mas como um acidente meramente comercial, que veio melhorar as condições materiais do homem da pedra polida.

Daqui se vê que as duas migrações e as suas respectivas

¹ Gabriel de Mortillet, *Le Préhistorique*, pág. 603.



civilizações não são coisas tão bem definidas, que um arqueólogo da experiência de M. Bertrand não rejeite uma, delas, como criação de fantasistas.

Temos tanto mais interesse em acentuar esta dissidência, que já noutros escritos sustentámos que, em relação ao nosso país, as duas civilizações nos pareciam de mais e que os monumentos pré-romanos do Minho (não falando na chamada época das cavernas) apresentavam um tal carácter de unidade, que mal podia duvidar-se de que fossem obra de um e o mesmo povo.

Mas para nós este povo é o do bronze, para M. Bertrand é o da pedra polida. Parece-nos porém que o distinto arqueólogo se coloca num terreno verdadeiramente indefensável. A. Pictet² demonstrou que os árias antes da sua separação já conheciam o bronze. Enquanto estas demonstrações não forem destruídas, ficará sempre como um axioma que, onde quer que apareça um povo árico, aí é conhecido o bronze. Ora os Albiões que Hércules (isto é, os fenícios), vai encontrar em Eritia (Inglaterra) são arianos; arianos são os Lígures, que Tucídides nos faz ver no sudoeste da Espanha, cerca do século XV a. C., e é pouco menos de certo que na sua primeira viagem ao mar do norte os fenícios encontraram o litoral do ocidente mais ou menos povoado por gente da mesma família que os Albiões e Lígures³. A colonização do ocidente efectuada pelos povos do bronze, a datar pelo menos do século XV, é um facto que, a nosso ver, ninguém destruirá nunca, demonstrado, além de tudo, pela velha toponímia ariana destas regiões, e que ficaria inexplicável na hipótese de M. Bertrand, visto que a gente da pedra polida, a que ele atribui o predomínio exclusivo do antigo mundo ocidental, pela circunstância de desconhecer o metal, não pode pertencer à raça dos árias.

Interrogando agora estes povos sobre a introdução da agricultura na Europa, sobre a construção dos dólmenes e a religiosidade que ela implica, as suas tradições dão-nos sempre uma resposta. A agricultura seria importada pela gente da pedra polida; mas no norte as tradições dos Câmbrios atribuem-na a um dos seus antepassados⁴; o mesmo sucede aos Cinetes do sudoeste da Espanha⁵

² Na sua obra *Origines indo-européennes*.

³ Num escrito, que tencionámos publicar em breve, contamos demonstrar que foi a celebridade do estanho, já explorado pelos Albiões, que levou à Inglaterra os mercadores Tinos. Ai esperamos demonstrar também que a Eritia da Heraclea não era senão a Inglaterra, como dissemos no texto, talvez com surpresa de alguns leitores

⁴ E. Davies, *Celtic Researches*, pág. 165.

e estas pretensões são plenamente justificadas pela circunstância de ser de origem árica toda a nomenclatura agrícola da Europa antiga. Os dólmenes seriam obra do homem da pedra polida; não obstante, os únicos povos que ainda hoje ligam a estes monumentos recordações, quer históricas, quer míticas, não são outros senão os que se vangloriam de ter mantido até agora, além das memórias do seu remoto passado, a língua dos seus primeiros pais⁵ — língua em que foi criada quase toda a toponímia do ocidente. Os monumentos arqueológicos do ocidente serão do homem da pedra polida; mas certo é que muitos dos monumentos do Minho estão marcados com sinais muito característicos — círculos concêntricos, espirais, mahadeus, suásticas, etc.; e, para que não haja dúvida sobre a língua, do povo que os mandou gravar, na Citânia um deles está associado com o nome de Camal, outro com o de Coronero, filho de Camal.

Temos então de admitir que os árias ocidentais se apropriaram de todas as glórias e de todos os monumentos do homem da pedra polida? A coisa repugna; porque é contra a natureza das coisas que uma civilização mais adiantada, como deve ser a do bronze em relação à sua predecessora, se deixe absorver por outra mais atrasada. No entanto a doutrina corrente tem de aceitar estas consequências.

Parece-nos porém que há um facto positivo que desmente brutalmente uma das duas afirmativas. Pelo que se disse acima, o povo da pedra polida e o povo dos dólmenes seria um e o mesmo. No extremo ocidente são os dólmenes os marcos miliários da sua marcha, desde o alto norte até o sudoeste da Espanha. Pois que vimos os emigrantes sair da Ásia, chegar ao centro da Europa, onde constroem algumas lacustres e os vemos em seguida no litoral do Mar do Norte, o seu caminho para esta extremidade da Europa foi decerto o do Reno⁷. Pelos dólmenes que se encontram à direita deste rio até o Báltico, vê-se que uma parte dos seus construtores seguiu aquela direcção⁸ a massa principal tomou porém a direcção oposta, pois que a zona dolménica, não falando nas Ilhas Britânicas, entende-se até o sudoeste da Espanha. Mas os dólmenes do sudoeste da Espanha pertencem ao

⁵ Justino, XLIV, 4.

⁶ M. Robiou, reproduzindo esta mesma observação (*Observations critiques, etc.*), parece desconhecer a sua importância.

⁷ Foi o caminho dos árias desta região. As tradições câmblicas ainda conservam a memória deste itinerário (Dieffenbach, *Celtica*, II, 71).

⁸ Quando os Fenícios chegaram ao Mar do Norte, já nestas paragens existiam os Lígures da “fábula” de Faetonte.

povo da pedra polida? Não pode ser. Quando, cerca do século XV, os Lígures se apoderaram desta região, quem aí habitava eram os Iberos, Bascos. Os Bascos não têm dólmenes. Não se objectará decerto que os dólmenes desta parte da Península são monumentos abandonados por um velho povo, que os Bascos tivessem também expulsado, infligindo-lhe a sorte, que sofreram dos Lígures: os dólmenes desta parte da Espanha são monumentos tão abandonados, como os do Minho, que estavam ainda em uso no tempo da dominação romana⁹, e como os do norte, aos quais os Câmbrios, Irlandeses, etc., associam, conforme já vimos, tradições nacionais. Os dólmenes do sudoeste da Espanha são portanto, ou dos Lígures, ou doutros povos do bronze, que vieram após eles.

Assim numa parte da zona dolménica, onde por uma fortuna rara um escritor antigo deixou cair um raio de luz, o povo que nós aí vemos a construir dólmenes não é o da pedra polida, mas um povo ariano.

Dir-se-á que anda aqui uma simples imitação? Parece-nos que seria fazer concessões de mais e pela nossa parte sentimos a necessidade de perguntar se também há algum facto positivo, sobre o qual se fundamente o direito do homem da pedra polida ao exclusivo das construções dolménicas. Há, diz-se, cidades lacustres e dólmenes, onde o metal falta absolutamente. Aqui está o facto, que procurávamos. É dele que se infere que o homem da pedra polida já construía palafitas e dólmenes. Confessemos porém que é precisa uma boa dose de fé, para aceitar cegamente àquela consequência; porque sem isso ninguém daria por provado que a falta do metal em tais e tais palafitas, em tais e tais dólmenes, implicava necessariamente nos seus construtores o desconhecimento do metal, tanto mais notando que não faltam palafitas e dólmenes do mesmíssimo tipo, onde o bronze se encontra. E quanto à pedra polida, é indispensável fazer uma observação, que o leitor tomará pelo que vale.

Os que fazem distinções radicais entre a época da pedra polida e a do bronze podem acreditar que o homem do bronze, por conhecer e empregar armas deste metal, não podia conhecer nem empregar armas doutra matéria. Nós figuramos as coisas muito diferentemente. Entendemos que à grande maioria dos emigrantes arianos (e esta migração devia ser formidável) a arma do bronze era quase inacessível, tanto pelo seu valor, como pela falta de mercados, onde pudesse adquiri-la, ao entrar na Europa. Neste pressuposto, a arma

⁹ Em algumas antas e antelas do Minho aparecem fragmentos de telha romana.

mais comum, mais vulgar do homem do bronze devia ser precisamente a da pedra polida.

Aí está porque nos monumentos do Minho, que são principalmente os castros e as mamoadas¹⁰, embora nenhum deles deixe de fornecer ao explorador paciente armas e objectos de pedra polida, nós vemos apenas a mão do homem ariano, que imprimiu nesta região um cunho tão profundo, que os séculos até hoje não puderam obliterá-lo todo.

Desta discussão o que se liquida, parece-nos, é que, se por um lado há razões para acreditar na existência duma antiga colonização, composta de gente que construía palafitas e dólmenes e apenas conhecia a pedra polida, por outro lado há razões ainda mais seguras para acreditar noutra colonização que também construía palafitas e dólmenes, conhecia a pedra polida e e ao mesmo tempo o bronze. Se elas não são uma e a mesma coisa, o que parece então é que os povos que as formaram tiveram uma mesma educação. Para apreciarmos qualquer das hipóteses, era indispensável que a cronologia da primeira migração fosse pelo menos tão conhecida, como a da segunda. Infelizmente ainda neste ponto o homem da pedra polida continua a representar o seu eterno papel de fantasma. Se alguns arqueólogos remontam a sua chegada ao centro da Europa e a construção das suas palafitas pouco além do século XV a. C.¹¹ outros concedem-lhe a enorme antiguidade de vinte e trinta séculos¹². Qualquer destes cálculos dá margem a estranhas observações. Se o primeiro fosse exacto, ficava quase demonstrado, que à pretendida gente da pedra polida e a do bronze eram uma e a mesma, pois que no século XV a. C. não só o centro mas as extremidades meridionais e ocidentais da Europa estão ocupadas por populações arianas¹³.

Admite-se o segundo dado cronológico? Nesse caso creia quem puder que os povos das duas migrações podiam construir palafitas e sepulturas tão semelhantes entre si, que só por algum objecto de

¹⁰ Cobrindo antas (dólmenes) ou antelas. Salva a diferença de forma, ambas as espécies de sepulturas pertencem à mesma gente. É também a opinião de M. Mortillet e as explorações não deixam sobre isso dúvida alguma.

¹¹ Cálculos de Morlot e Troyon, reproduzidos por M. de Mortillet, ob. cit., pág. 618.

¹² Gross, *Les Protohelvètes*, pág. 110.

¹³ Além dos Albiões e dos Lígures do sudoeste da Espanha já citados, nomeemos os Sículos, que fazem a sua aparição na história cerca do século XV (Chabas, *Études sur l'antiquité historique*), e que desceram do alto Danúbio, provavelmente pelo caminho do; Ródano.



bronze pode distinguir-se a procedência dumas e doutras. Nesta hipótese toma proporções colossais de absurdo a ideia de equiparar uma civilização, meio perdida no centro e ocidente da Europa, e vivendo ai séculos esquecidos, com uma outra, que esteve em contacto com as civilizações asiáticas do bronze e que, não obstante isso, ao fim de milhares de anos mal se diferenciava daquela.

Nós não imaginamos que saída possa ter um investigador metido neste dédalo de suposições tumultuosas, e, se não fazemos ao homem da pedra polida o que faz M. Bertrand ao do bronze, somos forçados, em face da arqueologia do Minho, a chegar a conclusões que se parecem muito com isso. Sendo para nós da última evidência a ocupação do ocidente por tribos da família árica, a datar pelo menos do XV século a. C., não é por vermos abundar em pedra polida os castros e sepulturas do Minho, que nos poremos ainda a pensar se tais monumentos pertencerão a uns primeiros ocupantes, que desconheciam o metal e construíram tudo, enquanto que os seus sucessores, não obstante dominarem no país alguns mil anos, não tiveram artes para construir coisa nenhuma. Os achados da pedra polida servem apenas para nos confirmar na opinião já acima manifestada, de que os emigrantes arianos empregavam a pedra polida conjuntamente com o bronze. E provavelmente empregaram a pedra polida não unicamente nos antigos tempos, mas em épocas já muito recentes, quando não só o bronze, mas o ferro, estavam muito vulgarizados, porque não se explica doutro modo que no recinto dos castros os machados de pedra se encontrem à flor do solo e até dentro das habitações, a par de produtos de indústria romana. Os objectos de pedra nas antas (dólmenes) e nas antelas, que são as sepulturas mais comuns nesta parte do nosso país, como nas outras, dão motivo a reparos ainda mais frisantes. Além do machado de pedra do tipo e forma dos que aparecem nos castros encontram-se ali com profusão pontas de seta, que ainda não achámos naqueles. Não pode duvidar-se, cremos nós, que esta espécie de armas represente um ritual funerário extremamente arcaico, mas persistindo tenazmente até os tempos históricos.

Já mostrámos noutra parte que o arcaísmo, e mais que isso a imobilidade, parecia ser o cunho acentuado da civilização da gente do bronze. Entre dois machados de bronze da mesma forma e ornamentação, fabricados com intervalo de mil anos, ninguém saberá decidir qual é o velho ou o novo. Com os monumentos sepulcrais, de que nos ocupávamos, sucede um facto idêntico; *M. de Mortillet* sustentará que eles remontam a uma época anterior do bronze; *M.*



Ferguson, demonstrando que alguns deles estavam ainda em uso nos tempos cristãos, pretenderá provar que todos eles são de data moderna¹⁴.

Também a uma cerâmica de ornamentação característica, que tanto se encontra nas antigas palafitas, como nos dólmenes, chamava Henri Martin “cerâmica dos dólmenes” atribuindo-lhe uma remota origem. Efectivamente a sua origem é bem remota; não é porém menos verdade que tal cerâmica era a vulgar nos nossos castros, ainda na época romana. Advirtamos que as gravuras em rochedos e lajes que já dissemos serem frequentes nos castros e arredores lembram vivamente o estilo ornamental da cerâmica e dos objectos de bronze.

Tudo isto se liga; tudo isto se harmoniza e quanto mais segredos os nossos monumentos nos revelarem, mais se fortalecerá no espírito dos observadores que os estudarem, a convicção de que não há neles senão o sinete duma civilização única.

Pelo que continuaremos a manter a tese que sempre sustentámos: a primeira civilização, digna deste nome, que recebeu o ocidente, foi-lhe trazida por tribos arianas, da mesma família dos Gregos¹⁵ e dos itálicos. Pelo que respeita a um povo da pedra polida, que antes dos árias importou para estas regiões a agricultura e a religiosidade, demonstrada pelo culto dos mortos, e este pelos dólmenes, não vemos vestígios dele no Minho, que conhecemos um pouco. A pedra polida foi importada pela mesma gente que importou o bronze e que fez uso dela até épocas muito recentes.

Guimarães, 20 de Fevereiro de x885.

¹⁴ Ferguson, Rude Stone Monuments, pass.

¹⁵ É bom insistir sempre nas estranhas analogias entre as descobertas de Micenas e da Citânia.